

Notas sobre a raça como etnicidade denegada

Loïc Wacquant

University of California, Berkeley

Centre Européen de Sociologie et de Science Politique

*O conceito de raça é, sem dúvida, o mais problemático e volátil das ciências sociais no início do século XXI¹. É invocado para explicar todo o tipo de fenômenos históricos e questões atuais, da escravatura à brutalidade policial, passando pela pobreza aguda, e é também utilizado como termo de denúncia cívica e condenação moral. No meu livro *Racial Domination* (Polity Press, 2024), recorro a investigação comparativa e histórica proveniente do mundo inteiro para deitar água fria analítica sobre este tema quente e infundi-lo com clareza epistemológica, precisão concetual e amplitude empírica.*

Baseio-me em Gaston Bachelard, Max Weber e Pierre Bourdieu para articular uma série de reformulações destinadas a captar a constituição da raça como uma forma de violência simbólica, começando por desalojar os Estados Unidos da sua posição arquimediana nos debates sobre a raça. Em seguida, forjo um conjunto de novos instrumentos conceituais para repensar o nexo da classificação e estratificação raciais: o continuum da etnicidade e da raça como etnicidade disfarçada, a diagonal da racialização e a pendente da dominação etnorracial, o xadrez da violência e a dialética da saliência e da consequencialidade. Isto leva-me a elaborar uma crítica meticulosa de noções tão em voga como "racismo estrutural" e "capitalismo racial", que prometem muito, mas cumprem pouco - noções que podem mesmo dificultar a luta urgente contra a desigualdade racial. Neste artigo, concentro-me numa questão epistémica fundamental, a distinção controversa entre etnia e raça, para defender a prioridade lógica e histórica da primeira e a eliminação da segunda como categoria analítica.

Racializar significa (i) *naturalizar*, transformar a história em biologia, as diferenças culturais em dissemelhanças de essência; (ii) *eternizar*, estipular que essas diferenças são duradouras, se não imutáveis, ao longo do tempo, no passado, no presente e no futuro; (iii) *hierarquizar*, estabelecendo uma ordem hierárquica dos grupos populacionais; e (iv) *homogeneizar*, perceber e imaginar todos os membros da categoria racializada como fundamentalmente iguais, como partilhando uma qualidade essencial que justifica um tratamento diferenciado dos seus membros no espaço simbólico, social e físico². Tal como a própria racialização, a naturalização, a

¹ O presente texto é parte de um simpósio da revista *Ethnicities*, tendo sido traduzido do original em língua inglesa por Virgílio Borges Pereira e revisto pelo autor

² Para um argumento mais desenvolvido, ver Loïc Wacquant, *Racial Domination* (2024), capítulo 2.

eternização, a hierarquização e a homogeneização não são coisas ou estados, mas sim atividades simbólicas, envolvendo uma relação real e imaginária entre o racializador e o racializado, e uma questão de grau; mas tendem a avançar rapidamente e a implicar-se mutuamente. Uma forma paradoxal de racialização é a crença, por parte dos subordinados ou dos seus porta-vozes automeados, de que possuem uma essência comum, imutável e uniforme, como nas variantes do afro-pessimismo, segundo as quais todos os negros, em todo o lado, enfrentam para sempre as mesmas forças de antinegitude, independentemente da sua posição social e das constelações institucionais com que se defrontam, como se eles, e só eles, tivessem o fardo ontológico de existir fora da história³.

Como é que captamos a especificidade da raça enquanto base de classificação e estratificação realizada? Em *Racial Domination* (2024), estabeleço os lineamentos de um quadro que trata a raça como um *subtipo paradoxal de etnicidade*, paradoxal na medida em que nega ser étnica, isto é, fundada nos acidentes da história, e, no entanto, revela que o é por essa mesma negação (no sentido freudiano de *Verneinung*). A título de prelúdio, é necessário esclarecer a confusa relação concetual entre etnia e raça. Stuart Hall observou, de forma célebre, que estas duas noções "brincam às escondidas uma com a outra"⁴, mas há três formas comumente aceites de conceber a sua relação: disjunção, intersecção e subsunção ou encaixe (ver figura 1).

É convencional nas ciências sociais anglófonas representar estes dois princípios de visão e divisão social como diferentes e disjuntos, sendo o primeiro baseado em características culturais (língua, religião, costumes, etc.) e o segundo em características físicas (fenótipo e ascendência)⁵. É esta a posição exemplificada por Michael Omi e Howard Winant no seu influente livro *Racial Formation in the United States*, que se esforça por evitar a "redução" da raça à etnia, à classe e à nacionalidade e onde se lê: "Raça é um conceito que significa e simboliza conflitos e interesses sociais por referência a diferentes tipos de corpos humanos"⁶. Esta definição não é mais do que a inscrição, nas estruturas mentais dos cientistas sociais norte-americanos, das noções populares nascidas das peculiaridades da história americana enquanto terra de colonos e de imigração. A raça como descendência foi invocada e legalmente codificada no século XVII para apoiar a exploração dos escravos africanos, enquanto a etnia foi cunhada no

³ Frank B. Wilderson, III (2020), *Afropessimism*. Para uma crítica exaustiva deste "essencialismo racial exclusivista", ver Loïc Wacquant (2023), "Afropessimism's Radical Abdication: Some Sociological Notes".

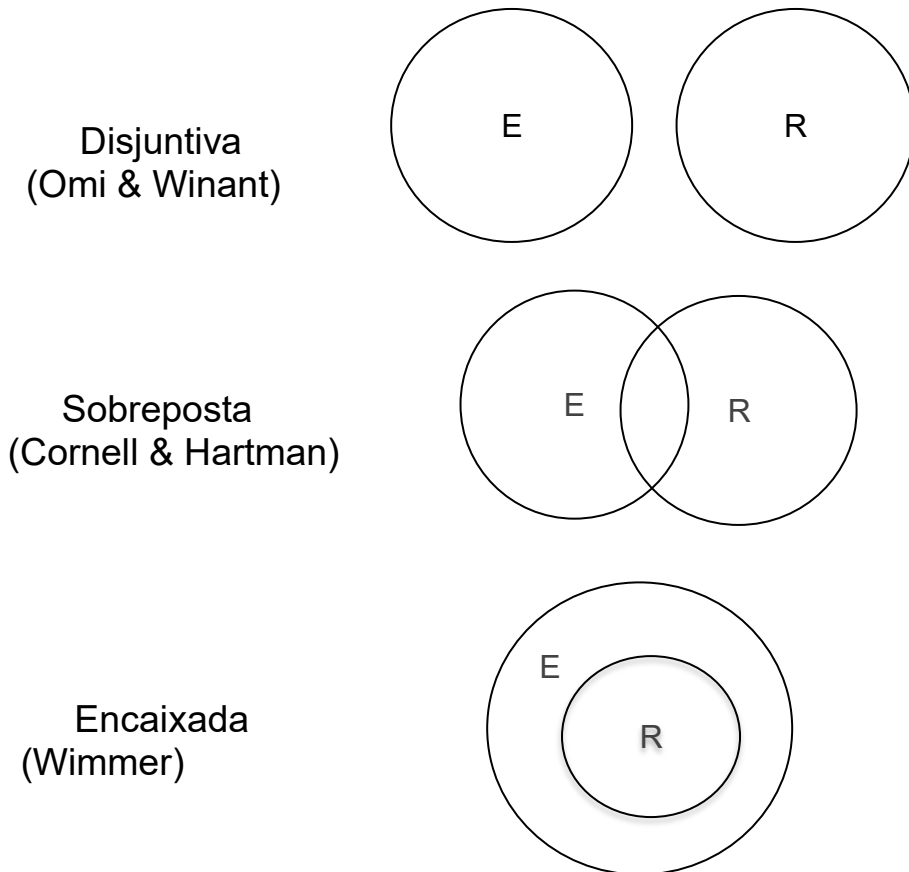
⁴ Stuart Hall (2017), *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation*, p. 26.

⁵ Para uma genealogia hábil dos dois termos, ver Werner Sollors (2001), "Ethnicity and Race". As diferentes tradições intelectuais nacionais são mais ou menos recetivas ao dualismo raça-etnia. Na investigação social francófona, é considerado confuso, se não mesmo inválido, e o termo "etnorracial" é normalmente utilizado em seu lugar. Solène Brun e Claire Cosquer (2022), *Sociologie de la race*, p. 67.

⁶ Michael Omi e Howard Winant (2014), *Racial Formation in the United States*, p. 55. Glenn Loury adota uma definição similar em *Anatomy of Racial Inequality* (2002), pp. 20-21.

início do século XX para exprimir e domar o receio de que os migrantes não anglo-saxónicos da Europa não se "assimilassem" ao padrão nacional. Para além disso, como Desmond King demonstrou em *Making Americans*, a etnicidade foi formulada por e para os brancos para se distinguirem dos negros. Ou seja, a oposição entre os dois conceitos é *histórica e política, não lógica*⁷.

Figura 1: A relação concetual entre raça e etnia.



A teoria da formação racial não é, portanto, uma teoria geral da dominação racial, mas sim uma redescritção estilizada do entendimento popular da trajetória etnoracial de duas populações num país durante cerca de um século. Além disso, a definição de raça de Omi e Winant exclui surpreendentemente os regimes raciais hegemónicos e dóxicos que, por definição, excluem o conflito⁸. É também inaplicável numa série de casos, a

⁷ Barbara Fields (1990), "Slavery, Race and Ideology in the United States of America"; Jon Gjerde (1998), "The Invention of Ethnicity in the United States"; Desmond S. King (2002), *Making Americans: Immigration, Race, and the Origins of the Diverse Democracy*. Ver também Victoria Hattam (2007), *In the Shadow of Race: Jews, Latinos, and Immigration Politics in the United States*.

⁸ Para uma crítica vigorosa da noção de que a etnicidade implica sempre "grupos étnicos em conflito", ver Rogers Brubaker (2004), *Ethnicity Without Groups*, capítulo 1.

começar pelo Japão, China, Índia, Alemanha nazi e mesmo Brasil e África do Sul, onde o tipo de corpo não é o único fundamento da classificação etnorracial. Confunde a raça com outras classificações baseadas em "diferentes tipos de corpos humanos", como o género, a altura e a aparência, que são todos profundamente consequentes nas sociedades contemporâneas. Finalmente, a conceção disjuntiva é incoerente na medida em que a "significação" é uma atividade essencialmente simbólica, o que faz da raça um construto cultural formalmente indistinguível da etnicidade.

A segunda posição, defendida por Stephen Cornell e Douglas Hartmann e tacitamente adotada por inúmeros académicos, concorda que a etnia e a raça são diferentes, mas propõe que se *sobrepõem*⁹. Alguns grupos são definidos por referência à cultura, outros grupos por referência à natureza e outros ainda por referência a ambas. Isto cria uma área de intersecção em que convergem dois processos: por um lado, a etnicidade é racializada quando envolve crenças sobre as características fenotípicas do grupo formado; por outro lado, a raça é etnicizada quando fomenta um sentido de povoamento. Além disso, alguns grupos migram de uma categoria para outra ao longo do tempo - o exemplo clássico é a desracialização dos imigrantes da Europa Oriental e do Sul poucas décadas depois de chegarem aos Estados Unidos no início do século XX¹⁰. Esta posição atenua, mas não resolve completamente, a inconsistência lógica da distinção entre raça e etnia nascida da experiência americana, que é a seguinte: não é o facto bruto da diferença corporal (por exemplo, o tom de pele) que determina a pertença a uma raça, mas o significado que as pessoas atribuem (ou não) a tal ou tal propriedade fenotípica, ou seja, uma *leitura cultural particular do corpo*. Um marcador racial é sempre o produto de uma fabricação étnica.

Mustafa Emirbayer e Matthew Desmond também adotam o ponto de vista de que a etnia e a raça são diferentes, mas que ambas são necessárias para a análise sociológica, uma variante da posição interseccional que se pode caracterizar como analítico-historicista. Por um lado, reconhecem que a etnicidade engloba concetualmente a raça; por outro lado, querem manter a raça para captar o facto bruto de que "o privilégio branco é a característica essencial que define a ordem racial global"¹¹. O problema desta posição é que é intrinsecamente instável, sempre suscetível de cair na primazia de uma ou outra noção e, dada a pressão das expectativas públicas, de nadar ao sabor da maré política do momento. Afinal, porque é que o facto de os euro-americanos dominarem o mundo necessita de um conceito próprio? O

⁹ Stephen Cornell e Douglas Hartmann (2006), *Ethnicity and Race: Making Identities in a Changing World*, pp. 26-36. Ver também idem, "Conceptual Confusion and Divides: Race, Ethnicity, and the Study of Immigration" (2004).

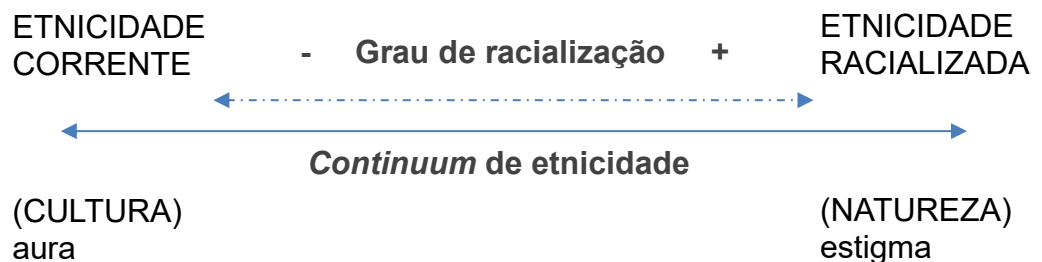
¹⁰ Matthew Frye Jacobson (1998), *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race*.

¹¹ Mustafa Emirbayer e Matthew Desmond (2015), *The Racial Order*, p. 61. Esta é uma posição diferente da apresentada alguns anos antes em "What Is Racial Domination?" (2009, p. 339) em que afirmam que "raça, etnicidade e nacionalidade são categorias simbólicas sobrepostas" que se "reforçam mutuamente na medida em que cada categoria educa, sustenta e é informada pelas outras".

facto de os homens dominarem as mulheres no mundo não necessita de um conceito especial de dominação masculina que não possa ser incluído no conceito de dominação de género.

A terceira posição, mais bem explicada por Andreas Wimmer no seu livro de referência *Ethnic Boundary Making*, retira a consequência lógica deste facto histórico e encaixa a raça diretamente na etnia, tal como indicado na figura 1¹². Esta abordagem é analiticamente coerente e historicamente abrangente. Permite-nos viajar através de épocas e regiões sem utilizar inconscientemente a trajetória etnoracial de uma sociedade, os Estados Unidos, como bitola para medir as trajetórias de outras sociedades. Mas os círculos concêntricos não são a melhor forma de representar visualmente a relação entre raça e etnia. Isto é demonstrado se formos um pouco mais longe do que Wimmer. Em primeiro lugar, a raça resulta de uma *subsunção paradoxal*, na medida em que se define a si própria através da própria negação do seu enraizamento simbólico. A raça é uma forma de pertença cultural que proclama em voz alta "eu não sou cultural" (ou seja, histórica e arbitrária) e isto tem efeitos reais - um dos quais é a reificação desta afirmação na conceção disjuntiva e outro o facto de a dominação ser facilitada na medida em que é naturalizada. Em suma, a *raça é uma etnicidade denegada*, uma forma de etnicidade que se reveste da roupagem da natureza e que, no entanto, revela o seu enraizamento histórico através dessa mesma dissimulação. Sempre que os académicos utilizam irrefletidamente o dueto "raça e etnia", participam nesta mistificação coletiva e reforçam o *efeito raça*.

Figura 2: O continuum da etnicidade, da corrente à racializada.



Segundo passo: a relação entre etnia e raça não é bem captada por um diagrama concêntrico em que a raça tem fronteiras claras; pelo contrário, a distinção entre as duas categorias é lábil e porosa porque a *racialização é um processo simbólico* e, por conseguinte, *uma questão de grau*¹³. É por

¹² Andreas Wimmer (2013), *Ethnic Boundary Making: Institutions, Power, Networks*. Duas outras articulações claras da posição de subsunção são Orlando Patterson (1997), *The Ordeal of Integration: Progress and Resentment in America's "Racial" Crisis*, e Joane Nagel (2003), *Race, Ethnicity, and Sexuality: Intimate Intersections, Forbidden Frontiers*.

¹³ Para ser justo, Wimmer sublinha que a própria etnicidade implica fronteiras que são mais ou menos difusas e transitáveis: "As distinções étnicas podem ser difusas e as fronteiras suaves, com uma

isso que prefiro à figura da subsunção o *continuum da etnicidade*, ao longo do qual esta adquire gradualmente mais e mais propriedades relativas à raça (imposição, estigma, rigidez, consequencialidade, etc.), tal como indicado na figura 2.

Num dos extremos do *continuum* residem as formas comuns de etnicidade, ou seja, a classificação e a estratificação abertamente baseadas naquilo a que Max Weber chama "a estimativa social positiva da honra". Essa honra pode ser concedida ou negada com base num vasto leque de motivos, pois "qualquer traço cultural, por mais superficial que seja, pode servir de ponto de partida para a tendência familiar para o fechamento monopolista"¹⁴. A honra é um outro nome para aquilo a que Pierre Bourdieu chama *capital simbólico*, que é a forma que qualquer capital assume quando é mal reconhecido como tal. Reside, portanto, não num atributo específico, mas no olhar coletivo que (des)valoriza esse atributo e na crença coletiva na dignidade, glória, galhardia e reputação dos seus possuidores (em inglês médio, a palavra honra também significa esplendor, beleza, excelência e, para as mulheres, conota castidade)¹⁵.

Na sua forma pura, a etnia vulgar ou "fina" é uma identidade autoatribuída, baseada na escolha, marcada pela aura e tendendo para a *horizontalidade* (o que significa que as populações etnicizadas se encontram num plano de igualdade simbólica, cada uma dotada de dignidade). No outro extremo do continuum, encontramos as formas étnicas "espessas", revestidas com o manto da natureza. Estas tendem para a categorização pura (uma identidade atribuída ao outro, em que a dignidade é graduada e pode ser negada), imposta por constrangimentos, marcada pelo estigma ou pela desonra coletiva, e tendendo para a *verticalidade*, ou seja, para uma desigualdade cada vez mais acentuada e duradoura. A etnicidade fina ou comum é maleável, frequentemente temporária ou episódica, e aplica-se de forma diferente em diferentes sectores da vida social (na verdade, pode estar presente e ser consequente em alguns e ausente noutros). A etnicidade espessa ou racializada é rígida, aparentemente permanente; impregna todas as zonas da estrutura social e da subjetividade; e tem

demarcação pouco clara e poucas consequências... O conceito de fronteira não implica fechamento e clareza, que variam em grau de uma sociedade, situação social ou contexto institucional para outro. Uma das tarefas mais importantes do estudo comparativo da etnicidade é dar conta de tais *graus variáveis de delimitação*". Wimmer (2013), *Ethnic Boundary Making*, pp. 9-10, ênfase minha.

¹⁴ Max Weber ([1920] 1978), *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*, vol. 1, pp. 388. "A emergência mais ou menos fácil de círculos sociais no sentido mais lato (*soziale Verkehrsgemeinschaft*) pode estar ligada aos traços mais superficiais de hábitos historicamente acidentais, tanto como a características raciais [ou seja, físicas] herdadas.... As diferenças no estilo da barba e do penteado, no vestuário, nos hábitos alimentares, na divisão do trabalho entre os sexos e em todos os tipos de outras diferenças visíveis podem, num determinado caso, dar origem a repulsa e desprezo, mas a extensão real dessas diferenças é irrelevante para o impacto emocional... Todas as diferenças de costumes podem sustentar um sentido específico de honra ou dignidade nos seus praticantes" (ibid, p. 387).

¹⁵ Pierre Bourdieu (1980), *Le Sens pratique*, pp. 200-201. Uma notável coleção interdisciplinar sobre o tópico encontra-se em John G. Peristiany e Julian Pitt-Rivers (eds.) (1992), *Honor and Grace in Anthropology*.

impacto na gama de resultados sociais, resultando num fechamento multiforme e, por conseguinte, numa forte formação de grupos.

Esta conceção da racialização como etnicização naturalizante permite-nos abranger todos os casos que as conceções disjuntiva e interseccional cobrem e muito mais, e permite-nos descarregar a bagagem do inconsciente etnoracial histórico da América que "pesa como um pesadelo nos cérebros" dos cientistas sociais anglófonos e cada vez mais globais, para citar uma das célebres fórmulas de Marx. Injeta clareza analítica e variedade histórica num domínio de investigação que tem imperativamente de escapar à lógica do tribunal, se quiser informar o urgente debate público que se está a desenrolar em torno da "raça".

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre (1980), *Le Sens pratique*, Paris, Minuit.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc ([1998] 1999), "The Cunning of Imperialist Reason", *Theory, Culture and Society* 6, no. 1, pp. 41-58.
- BRUBAKER, Rogers (2004), *Ethnicity without Groups*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- BRUN, Solène, COSQUER, Claire (2022), *Sociologie de la race*, Paris, Armand Colin.
- CORNELL, Stephen; HARTMANN, Douglas (2004), "Conceptual Confusion and Divides: Race, Ethnicity, and the Study of Immigration", in Nancy Foner and George M. Fredrickson (eds.), *Not Just Black and White: Historical and Contemporary Perspectives on Immigration, Race, and Ethnicity in the United States*, New York, Russell Sage Foundation, pp. 23-41
- CORNELL, Stephen; HARTMANN, Douglas (2006), *Ethnicity and Race: Making Identities in a Changing World*, Newbury Park, CA, Sage Publications.
- DESMOND, Matthew; EMIRBAYER, Mustafa (2009), "What Is Racial Domination?", *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, vol. 6, no. 2, pp. 335-355.
- EMIRBAYER, Mustafa; DESMOND, Matthew (2015), *The Racial Order*, Chicago, University of Chicago Press.
- FIELDS, Barbara Jeanne (1990), "Slavery, Race and Ideology in the United States of America", *New Left Review*, vol. 181, no. 1, pp. 95-118.
- GJERDE, Jon (1998), "The Invention of Ethnicity in the United States", in Jon Gjerde (ed.) *Major Problems in American Immigration and Ethnic History*, Boston, MA, Houghton Mifflin, pp. 22-29
- JACOBSON, Matthew Frye (1998), *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race*, Cambridge, MA, Harvard University Press.
- HALL, Stuart (2017), *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation*, Cambridge, MA, Harvard University Press.
- HATTAM, Victoria (2007), *In the Shadow of Race. Jews, Latinos, and Immigration Politics in the United States*, Chicago, University of Chicago Press.
- KING, Desmond S. (2002), *Making Americans: Immigration, Race, and the Origins of the Diverse Democracy*, Cambridge, MA, Harvard University Press.
- LOURY, Glenn C. (2002), *The Anatomy of Racial Inequality*, Cambridge, MA, Harvard University Press (with a new preface 2021).
- MONK JR, Ellis P.; ESPOSITO, Michael H.; LEE, Hedwig (2021), "Beholding Inequality: Race, Gender, and Returns to Physical Attractiveness in the United States", *American Journal of Sociology*, vol. 127, no. 1, pp. 194-241.
- NAGEL, Joane (2003), *Race, Ethnicity, and Sexuality: Intimate Intersections, Forbidden Frontiers*, New York, Oxford University Press.
- PATTERSON, Orlando (1997), *The Ordeal of Integration: Progress and Resentment in America's "Racial" Crisis*, New York, Civitas Books.
- OMI, Michael; WINANT, Howard (2014), *Racial Formation in the United States*, (2nd edition) New York, Routledge.
- PERISTIANY, John George; PITT-RIVERS, Julian (eds.) (1992), *Honor and Grace in Anthropology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- SOLLORS, Werner (2001), "Ethnicity and Race", in John Solomos and David Theo Goldberg (eds.), *Companion to Racial and Ethnic Studies*, Cambridge, MA, Blackwell, pp. 97-104
- WACQUANT, Loïc (2024), *Racial Domination*, Cambridge, Polity Press.

WACQUANT, Loïc (2023), "Afropessimism's Radical Abdication: Some Sociological Notes", *New Left Review*, vol. 144, pp. 97-109.

WEBER, Max ([1920] 1978), *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*, Berkeley, University of California Press.

WILDERSON, Frank B., III (2020), *Afropessimism*, New York, Liveright Publishing.

WIMMER, Andreas (2013), *Ethnic Boundary Making: Institutions, Power, Networks*, New York, Oxford University Press.

Loïc Wacquant.

Professor de Sociologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e investigador no Centre Européen de Sociologie et de Science Politique, em Paris. O seu trabalho centra-se na marginalidade urbana, no Estado penal, na dominação etnoracial, na incorporação e na epistemologia e política do conhecimento. Os seus livros estão traduzidos em vinte línguas e incluem *The Invention of the "Underclass"* (2022), *Bourdieu na Cidade* (2023), *The Poverty of the Ethnography of Poverty* (2024) e *Racial Domination* (2024). Endereço para correspondência: Department of Sociology, University of California, Berkeley CA 94720 USA.

E-mail: loic@berkeley.edu

Artigo recebido a 15/05/2024 e aceite para publicação a 20/05/2024.